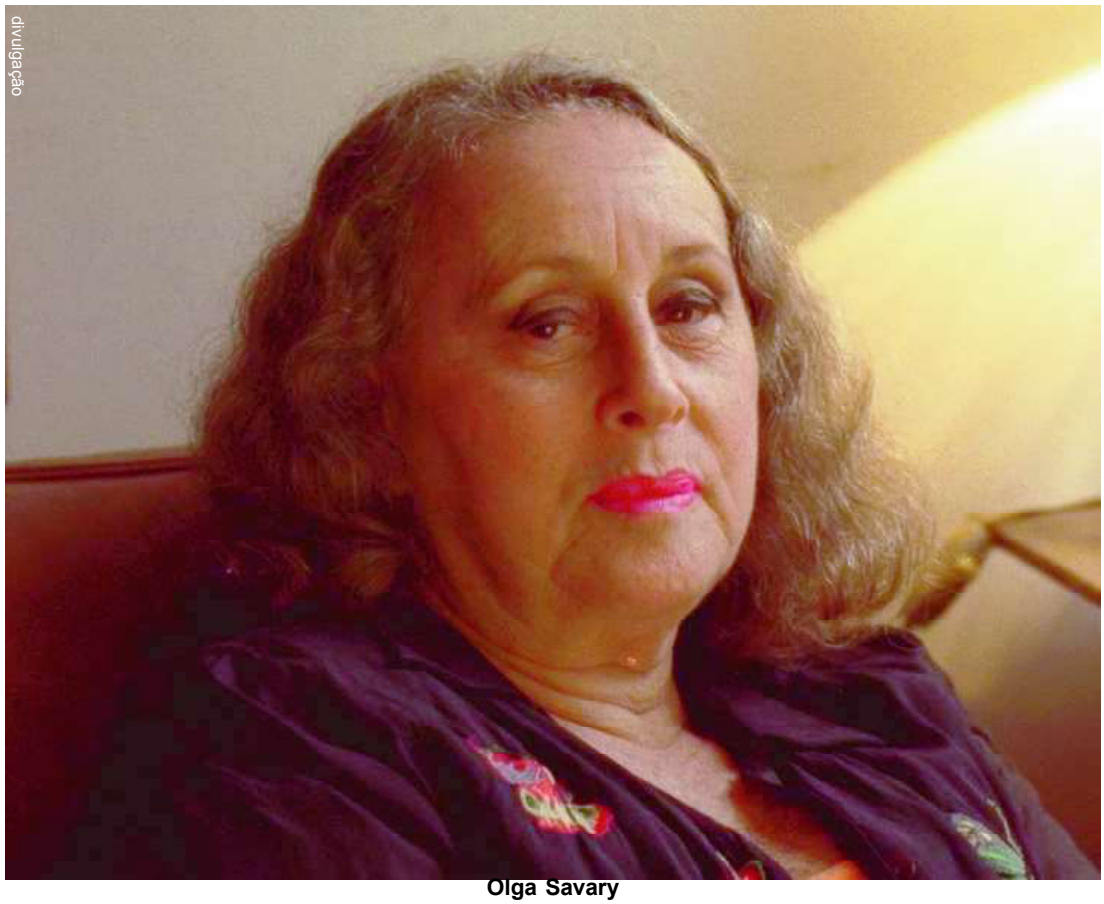
LINGUAGEM VIVA

Ano XXX Nº 371 julho de 2020

OLGA SAVARY: TELURISMO E SENSUALIDADE

Enéas Athanázio



Olga Savary

Embora só a conheces se em pessoa de poucos anos, acompanhei de longe o trabalho de Olga Savary desde muito tempo, lendo publicações de sua autoria e a respeito do que produziu na poesia e na ficção. Minha atitude em relação a ela sempre foi de respeito intelectual, não apenas pela qualidade de sua obra, – de resto notória, – mas também em virtude de outros fatores, em especial de três: a solidariedade, o amor à terra e o arrojo na composição da obra.

Sempre disposta a ajudar colegas de ofício, ainda mais quando se tratava de iniciantes, desde que revelassem talento, nunca se furtou a divulgá-los, publicando seus trabalhos em antologias, enviando livros a resenhistas e críticos, recomendando a escritores amigos. Eu próprio recebi indicações de poetas e escritores que ela julgou merecedores, sempre de forma acertada, revelando aquele "faro" típico das pessoas sensíveis e que não se entregam à contemplação única do próprio umbigo. Mais de uma vez escrevi a respeito de escritores e poetas por ela indicados e minhas palavras, nessas ocasiões, mereceram a confirmação de outros juízos. É claro que nesse afã de ajudar, alguns desgostos e decepções foram inevitáveis, não fosse o ser humano feito do barro que é. Isso, porém, só engrandeceu essa postura solidária, quase extinta nos dias bicudos que vivemos.

Quanto ao corajoso arrojo de suas posições, é fato conhecido e decantado. Todos recordam de seu pioneirismo na publicação da antologia "Carne Viva" (1984), a única que reúne apenas poemas eróticos, por ela organizada. Foi também a primeira mulher em nossa história literária a escrever um livro sobre temas eróticos no país e que recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras – "Magma" (1982). Para ela, sem liberdade e independência não poderia haver poesia. Como disse num de seus poemas inéditos, poeta é tudo, "é mulher e homem, demônio e anjo, pedra também, e árvore, selva e semente, grama e montanha, lava e água..." Livre, enfim.

Além disso, há na sua obra algo que me toca de forma especial, talvez porque esse sentimento também seja muito forte em mim – o amor à terra. Em toda sua produção, de forma explícita ou não, o chão natal amazônico é uma constante. O verdor da selva, os mananciais imensos de água, o clima abrasador, os mistérios indecifráveis, a alma do povo, o sotaque característico – tudo é subjacente na sua escrita como um visgo impregnado de amor, saudade, inspiração. Por urbano que seja o tema abordado, sinto por debaixo dele o fundo telúrico. Mesmo quando é universal e cosmopolita, nunca deixa de ser a mais brasileira de nossas poetas, como bem observou Gilberto Freyre, sempre arguto nas análises que fazia: "A poesia de Olga Savary é das coisas mais brasileiras que eu já vi. O Brasil **respira** na sua poesia, no seu texto. Viva o Brasil através de Olga Savary!" Para concluir, tomo a liberdade de lembrar o genial Câmara Cascudo, provinciano incurável e emérito fazedor de frases, numa das melhores que produziu: "Não rezo e nem ofereço a escritor que não tem o pó da terra natal debaixo dos pés da alma!"

Savary já está fazendo falta.

Enéas Athanázio é escritor, advogado e Promotor de Justiça (aposentado). Reside em Balneário Camboriú (SC).

O RESPIRO DA PELE

Dinovaldo Gilioli

A luta antirracista, anti fascista, por justiça social precisa continuar. É uma resposta objetiva a um sistema que exclui milhões de pessoas no mundo a uma vida digna, principalmente os negros.

As consequências devastadoras da pandemia do coronavírus, deve provocar uma batalha ferrenha por distribuição de renda e o efetivo acesso a direitos. Eticamente, não é legítimo que uma minoria continue se apropriando da maior parte da riqueza produzida pela maioria.

Se não houver uma mudança, poderemos ter uma convulsão social jamais vista. O assassinato de George Floyd nos EUA é o estopim de uma revolta antirracista que se avizinha também no Brasil, com as recentes e inadmissíveis mortes de João Pedro de 14 anos e Miguel Otávio de 5 anos.

Como nos lembra o ativista Nino Brown, isso têm raízes profundas: "os Estados Unidos são bem similar ao Brasil. Ambos temos presidentes cruéis, que estimulam esses racistas contra as pessoas negras, contra indígenas. Não é um problema isolado. É um problema de um sistema capitalista global".

Mesmo diante dos limites impostos por uma pandemia e os seus efeitos por causa das aglomerações, que já vem ocorrendo no Brasil com os apoiadores de Bolsonaro, a mobilização protagonizada pela juventude dos EUA começa a ecoar em várias partes do mundo, ganhando contornos inimagináveis.

Há um apelo de que nenhum tipo de atrocidade e de opressão deve ser tolerada, em nome da ordem que vem garantindo os privilégios para uma casta que se considera superior e dona do mundo.

A frase, "eu não estou conseguindo respirar", dita por Floyd, em tom baixo, quando estava sendo sufocado, se transformou num grito de liberdade, de apreço e apego a vida. Os que ousam calar esse grito, na marra, devem preparar os seus ouvidos e aprender a escutar!

Dinovaldo Gilioli é escritor, ativista cultural e poeta.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R$ 140,00

Semestral: R$ 70,00

Depósito em conta 19081-0
- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante, com endereço completo, para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

CRIATURAS DO MAR

Raquel Naveira

Há em mim uma veia lusita na que faz com que me sinta uma criatura vinda do mar. Talvez porque tudo sai do mar e a ele retorne. Talvez porque o mar esteja entre mim e Deus neste século. Talvez porque atravesso o mar da vida em um navio frágil.

Sou fascinada pelas viagens de descoberta de Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães. Os primeiros exploradores que enfrentaram os terrores do oceano ensanguentado, as tempestades, o fogo dos raios e trovões, as fúrias do vento, as ondas agitadas. A ânsia de encontrar novas terras, riquezas, oportunidades; novos problemas e maneiras de pensar. O navegador não sabia para onde ia, nem tinha esperança de voltar. O importante era desafiar o desconhecido, com iniciativa e coragem. Densos nevoeiros infecciosos escondiam recifes e ilhas. Shakespeare comparou as brumas a uma "suja e contagiosa escuridão no ar."

divulgação
Alfonsina Storni

Monstros marinhos eram para os exploradores uma realidade concreta. Estavam nos desenhos dos mapas; nos bestiários medievais, um tipo de literatura comum entre os monges, que descrevia as bestas fantásticas do mundo animal, que povoavam a imaginação dos marinheiros. Esses monstros de grandes bocas, dragões com dentes e caudas, rondavam ao largo e se alimentavam dos mastros do navio, esmigalhavam a galera, os canhões, os barris de vinho, os botes a remo. Formavam-se depois redemoinhos. Baleias e tripulantes afogavam-se aos gritos.

A poetisa argentina, Alfonsina Storni (1892-1938), emigrou com a família da Suíça para Santa Fé, onde modestamente trabalhou como costureira, operária, atriz e professora. Quando soube que era portadora de um câncer de mama, suicidou-se, lançando-se ao mar de um penhasco. Tinha 46 anos. A tragédia foi registrada na canção "Alfonsina Y El Mar", gravada na voz tornitruante de Mercedes Sosa (1935-2009). Alfonsina, com sua solidão, foi buscar poemas novos nas espumas de sal. Angústias e dores a calaram. Ela se recostou numa rocha forrada de conchas. Cinco sereias a levaram por caminhos de algas e de corais. Cavalos-marinhos fizeram uma ronda a seu lado com outros habitantes da água como enguias, lagostas e golfinhos, esses delfins que conhecem uma linguagem cifrada de códigos ancestrais. Alfonsina vestiu-se de mar...

Também eu mergulhei em águas abissais profundas do oceano do meu inconsciente. Aprendi a sobreviver em condições difíceis, extremas, com pouco oxigênio, muita pressão, nua e com frio. Meu corpo se tornou elástico. Meu esqueleto ficou leve, quebrado e minha carne gelatinosa. Coloquei uma haste de luz na ponta da minha cabeça como um espinho. Meus olhos se tornaram enormes como lâmpadas. Na treva verde, vejo esponjas, peixes de vidro, ogros com longos caninos, plânctons, caranguejos gigantes, pentes de águas-vivas, filamentos de seres clonados e chumbados em colônias luminescentes.

Requer esforço voltar à tona, à superfície do planeta. Sair dessa viagem, dessa vertigem. Começo devagar a seguir os bandos de pássaros-contramestres no céu. Observo boiarem cascas de palmeiras, galhos de árvore. Saio aos poucos daquele pântano inavegável e cheio de monstros. Já não estou à mercê dos elementos e dos perigos do mar, como o apóstolo Paulo, que sofreu naufrágios durante dias e noites no abismo. Os perigos foram afastados por um clarão de eletricidade que me salvou. Posso discernir entre instinto e intelecto. Nado no nada. Contra a corrente. Sou criatura do mar.

Raquel Naveira é escritora, crítica literária, professora universitária, vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo.

As Quintas de Cyroba Cecy

Andreia Donadon Leal

Neste ano de 2020, atípico, tomado pelo medo e absurdo pela fragilidade do conhecimento humano diante do desconhecido, nada melhor que receber um livro de poesia de fé, esperança e apreço pela vida, da renomadíssima poeta Cyroba Cecy, lá da encantadora cidade sorriso, paraíso dos pinheirais.

É um livro de quintas, essa nova forma poética criada em Mariana, cidade mãe de Minas Gerais e capital da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro até 02 de dezembro de 1720, que abrangia também o território paranaense, este que se emancipou, dividindo-se de São Paulo somente em 19 de dezembro de 1853. Como se vê, somos ligados pela história, e nos mantemos unidos pelos laços da poesia; tanto que a poesia simbolista, introduzida no Brasil por Emiliano Perneta, paranaense, tem em Mariana um dos seus grandes expoentes, Alphonsus de Guimaraens.

As formas contemporâneas da poesia de Minas Gerais também têm espaço entre poetas paranaenses, com destaque a Cyroba Cecy, exímia construtora de aldravias e agora mostrando para o Brasil sua expertise na produção de quintas. Poesia que acrescenta itens positivos em tempos negativos é o que este livro nos traz. Já que a ciência precisa de tempo para apresentar resultados, resta-nos o apego à fé, o despertamento da esperança e a retomada da capacidade de enfrentar o medo. As quintas de Cyroba Cecy trazem todos esses ingredientes, por isso é, além de deliciosa leitura, este livro se torna essencial no vencer do tempo de isolamento social no enfrentamento da pandemia do novo coranavírus.

Parabéns, Cyroba Cecy, e obrigada por nos acolher nesse seu colo suave de poesia. Nós, leitores, é que ganhamos com seu carinho e abnegação.

EM TEMPO: vale ressaltar que a QUINTA foi proposta e publicada na rede social, em 23 de dezembro de 2019. É forma poética, poema autônomo, variante da quintilha.

QUINTA é "poema autônomo" (e não apenas estrofe de poema) de cinco versos, sendo que os quatro primeiros são compostos cada um com duas palavras e o quinto verso com uma única palavra, com o segundo verso rimando com o quinto; primeiro, terceiro e quarto versos no estilo verso livre. Não importa o número de sílabas na composição métrica dos versos. Importa que cada verso tenha o número de palavras determinado na composição poética que, no caso da quinta, é

02
02
02
02
01.

Essa composição alcança também um outro espírito aldravista – o da liberdade. O exercício da liberdade está na utilização da palavra plena e farta de significação, sem as amarras métricas. Mas, como os conceitos de liberdade ao longo da história da filosofia e do direito sempre esbarrou em sua relatividade, obrigações sempre acompanham, compulsoriamente, o exercício da liberdade. No caso da composição da quinta, a obrigação de usar dois vocábulos nos quatro primeiros versos, e um único vocábulo no quinto verso; além de ter que ter um jogo de rimas: o segundo verso deverá rimar com o quinto e os demais versos no estilo de versos livres, isto é, sem obrigação de métrica e sem jogos de rimas. (DONADON-LEAL, José Benedito, 2019)

Andreia Donadon Leal é poeta, escritora criadora da aldravia, Mestre em Literatura pela UFV e membro da Academia Municipalista de Letras de Minas, da Academia Marianense de Letras e da ALACIB-MARIANA.

Bom senso

Flora Figueiredo

Hoje não vou,
que é dia ruim de decisão:
o ninho apareceu cheio de ovos,
o vaso me presenteou com botões novos,
a lua fez alongamentos verdes sobre o mar.
Dia de emoção não é dia de ir.
Quem sabe, amanhã amanhece chovendo
e eu fico matemática?

Flora Figueiredo é escritora, jornalista, cronista, tradutora, poeta e compositora. Autora de *Chão de Vento, Florescência, Limão Rosa,* entre outras obras. Exerceu o cargo de Vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

Almas Raquíticas

Rosani Abou Adal

Espinhos brotam no ventre da terra.
Erva desértica, sinal de vida.
Gado sem pasto,
rio sem leito.
Homens colhem miragens.
Nenhum fruto se hospeda
nos galhos fatigados.
Animais famintos,
nada para comer.
Almas raquíticas em busca
de um futuro farto.
Crianças descalças correm
e gritam frases anêmicas.
Uma luz brota
na terra seca.
Pássaro codifica
o eco da fome.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

**Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr**

A TERCEIRA MARGEM DE BRASÍLIA

Ronaldo Cagiano

Em seu mais recente livro, *As margens do paraíso*, o escritor brasiliense radicado em Salvador, Lima Trindade, mapeia o imaginário da construção de Brasília a partir de uma visão crítica e não idealizada da utopia que se insinuava com a mudança da Capital.

Trata-se de uma obra indispensável para se perceber as nuances e mazelas que delimitaram os mil dias da construção de Brasília na ótica de um autor que faz parte da geração da cidade. Uma visão não edulcorada, porém realista do projeto de JK, Niemeyer e Lúcio Costa, sobretudo nesse momento distópico, de perda das ilusões e revogação de conquistas e avanços, quando é urgente repensar o passado e o presente, para não deslocarmos o futuro para a marginalização da História.

Livro: *As margens do paraíso*
Autor: Lima Trindade.
Editora Cepe, 2019,
269 páginas. R$ 15

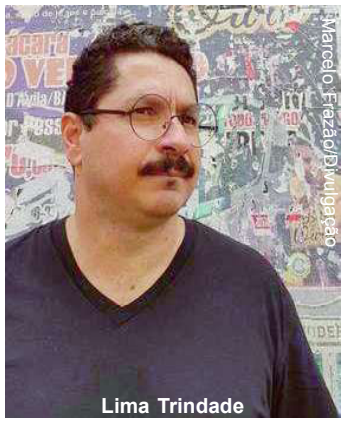
O romance de Lima estrutura-se numa delicada concepção narrativa que alterna vozes, cujos protagonistas viveram intensamente o processo de construção da cidade, seja como integrantes das cúpulas político-administrativas ou, literalmente, colocando a mão na massa e vivenciando as experiências dramáticas de seu contexto. Essa imensa legião de trabalhadores, os candangos, gente anônima e sem voz, convocados para levar, a toque de caixa, o empreendimento, que precisava ser concluído antes do término do mandado presidencial, é visitada nesse livro que rastreia um ambiente recente da nossa história, aqui enfrentado com honestidade pelo autor.

O relato desdobra-se em inúmeras camadas, como se cada personagem desvelasse palimpsestos, percebendo-se as peculiaridades, diatribes e condicionamentos que integravam um sonho que se tornou coletivo a partir de um sentimento nacional que grassava na efervescência dos anos sessenta. Era o apogeu de uma consciência renovadora, pois o país despertava de sua letargia por um presidente bossa nova que arregimentava todas as forças para a concretização da chamada "Marcha para o Oeste" e no bojo do slogan "50 anos em 5", que pretendia interiorizar verdadeiramente o progresso e a civilização num país até então confinado ao litoral, anacrônico e sem perspectivas.

O autor constrói um verdadeiro caleidoscópio ao panoramizar os diversos aspectos da construção de uma cidade – desde as motivações políticas e as crises geradas no seio de um plano de metas que, para a oposição era megalomaníaco e motivo de constante bombardeio por parlamentares (por exemplo Carlos Lacerda) contrários à transferência da Capital para o centro oeste - até os arranjos dos responsáveis diretos pela construção. A história viaja até o comum do dia-a-dia na vida dos trabalhadores das obras em curso, onde a condição humana é exercida em toda sua plenitude, para o bem e para o mal, esboçando-se os escaninhos das relações que proliferavam nos espaços público e privado, com as pressões que surgiam e alimentavam tanto as hostes do executivo, como a ganância dos empreiteiros, em meio às demandas, dilemas e conflitos peculiares daquele período.

Se o *leitmotiv* da obra é a construção de Brasília, Lima soube com destreza e habilidade, e também por conta de um mergulho nos documentos históricos e em pesquisas sobre a época, traçar um perfil não apenas da cidade que se erguia no meio da poeira do cerrado, mas um roteiro psicológico e profundamente humano da heterogênea população. Naquela terra de promessas, migrantes aportaram no seio do planalto central, com suas esperanças, desejos e frustrações, motivados pela onda otimista que varria o país e parecia representar um divisor de águas em nossa História, num cenário onde digladiavam-se interesses e forças, muitas vezes antagônicas, mas que naquele momento ousava-se superar.

Leda, Zaqueu, Rubem, Mauro, Sílvio são personagens arquetípicos que simbolizam a diversidade das vidas que habitavam os canteiros de obras e acampamentos e fazem parte de um certo inconsciente coletivo que ainda frequenta a memória dos que participaram daquela cruzada, verdadeiros quixotes no coração agreste do cerrado, testemunhas dos acontecimentos e outras metamorfoses nessas quase seis décadas da Capital da República. Ainda que sob o pálio da ficção, em que invenção e memória se alternam, fatos e personagens convivem numa simbiótica relação, representados com veracidade nesse relato que reverbera com sua força semântica todas as suas faces e facetas. Como por exemplo a revolta dos peões com a precariedade das condições de trabalho e a má qualidade da comida servida aos operários, que desaguaria num conflito com a GEB-Guarda Especial de Brasília (episódio conhecido como o massacre da Pacheco Fernandes Dantas, imortalizado na película "Conterrâneos velhos de guerra", de Vladimir Carvalho); a presença de Israel Pinheiro, como o tocador de obras da Novacap; os míticos escritores Samuel Rawet e Joaquim Cardozo (engenheiros


Marcelo Frazão/Divulgação
Lima Trindade

Trecho:

"Um ínfimo inseto. É assim que me sinto. Desfilei hoje de jipe pelo Eixo Central, Esplanada dos Ministérios e o buraco onde será construída a rodoviária da nova capital. A emoção foi tanta que, não fosse pela presença de tantos candangos ao redor, choraria. (...) Na praça, soaram sinos. Eram os mesmos sinos que anunciaram a morte de Tiradentes. A banda dos fuzileiros executou o Hino Nacional e a cidade se acendeu por inteiro, iluminada por centenas de refletores."

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira

Sebo Brandão: https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020

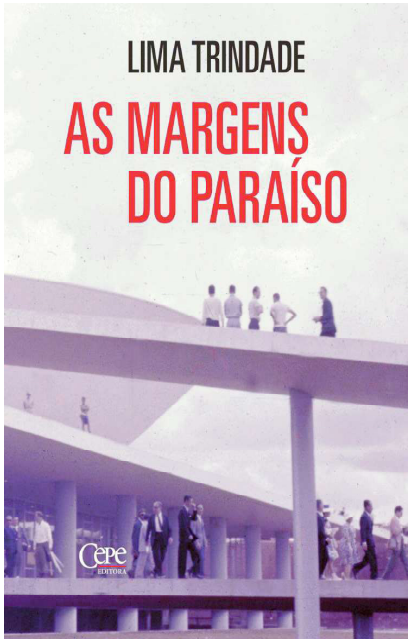
Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com

que integraram a equipe de calculistas de Niemeyer); a falta de segurança que levava a vítimas fatais, cujos corpos precisavam ser evacuados, para não gerar pânico e "atrapalhar" o fluxo dos empreendimentos ou atrasar a inauguração; os acólitos e subservientes das empreiteiras, que propunham arranjos e negociatas a seus subordinados e enriqueceram com a manipulação no fornecimento de matéria prima nas respectivas obras; a mitologia da cidade de tábuas, o Núcleo Bandeirante, conhecida como Cidade Livre, em cujas biroscas ou bordeis os trabalhadores cansados da rotina extenuante, iam desfrutar os fins de semana e traçar novos rumos em meio àquela solidão, distante de suas famílias.



Os personagens deambulam por seus territórios geográficos e íntimos, cada qual com suas singularidades, linguagens, atmosferas, motivações e idiossincrasias, na linha de um périplo narrativo de profunda densidade, tensão e verossimilhança, características exploradas com sensibilidade, riqueza metafórica e preciosidade estilística por um observador atento, que soube capturar os detalhes, os bastidores e a alma de um Brasília que nascia da prancheta. Nesse sentido esse livro também pode ser lido simbolicamente como um romance de formação, tanto da nova capital, em sua gênese até os dias que correm, quanto dos homens e mulheres envolvidos no projeto, o autor penetra as vísceras da grande epopeia que visava à transformação definitivamente a cara do País. E também é um encontro de contas do autor com sua identidade e com suas lembranças, marcas que introjetou a partir do próprio meio em que viveu e onde ainda se percebe como parte integrante de sua história, e sofre.

As margens do paraíso traduz-se numa prosa sofisticada, cuja tessitura poética realiza uma apreensão fotogênica, sincera e não caricatural ou estereotipada, pois penetra a poeira e o cipoal da grande maratona de gente, máquinas e ideias que forjou um grande surto desenvolvimentista nacional. Expõe as dores e delícias desse período recente, mas crucial, da vida brasileira, que tem na construção de Brasília um divisor de águas. Um livro-cinema, uma obra-documento sobre uma utopia que, apesar de seus desvios, ainda está por se realizar, pois o sentido de sua construção, entre outros, de tornar o Brasil menos desigual e mais integrado, mais inclusivo e humano, reclama por completar-se.

Lima Trindade conta e decanta essa Brasília que André Malraux epitetou de 'A capital da esperança", porém, ela aguarda a plena concretização desse desiderato, o mesmo que estimulou gerações a largar seus estados e adentrar na grande viagem rumo ao futuro, como cantou Cassiano Ricardo: "Vou-me embora pra Brasília,/ sol nascido em solo agreste./ Como quem vai para uma ilha,/ a esperança mora a Oeste."

Ainda que, entre a promessa do paraíso e a sua real concretização, continuamos a patinar, insularizados na periferia de qualquer paraíso, seja como Estado ou como Nação, persistimos em nosso inabalável esforço de Sísifo, a terceira margem, que tanto ansiamos e que permanece a nos desafiar como uma esfinge.

Ronaldo Cagiano, escritor brasileiro residente em Portugal, autor, dentre outros, de *Eles não moram mais aqui* (Ed. Patuá, SP/Ed. Gato Bravo, Lisboa"), Prêmio Jabuti 2016.

Brincadeira

Roseli B. De Camargo

No caminho traçado
Em meio ao dourado azul
e branco irisado, alaranjado...
Brilha feliz
imensa bola amarela.
Ora amarelo intenso
Ora verde musgo, dourado
Paira no horizonte marrom, esfumado.
Em chamas, capta o meu olhar.
Paro..sigo e sinto seu revolutar.
No infinito,
O sol paira
Por entre árvores
E nuvens esparsas,
A brincar.

Imensa bola amarela
Ele corre, ao meu olhar.
E, em segundos,
No canto da tarde

Cai alegre, sorrindo
vermelho, intenso, vivo,
Na barra do fim
da tarde!

Roseli Batista de Camargo é escritora, professora, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/SP e diretora do Núcleo Docente Estruturante. Doutora em Estudos Literários e Mestra em Letras na área de Estudos Literários, pela UNESP- Araraquara.

RETORNO

Raymundo Farias de Oliveira

No profundo silêncio
da tarde vazia
o vento cochichava com as folhas
no vasto arvoredo da praça.
Passarinhos festeiros
gargalhavam sem parar...
Não sei o que o vento lhes confidenciava
naquele momento
mas desconfio que riam de mim
Riam dos meus sonhos
Riam de minha nostalgia
Riam de meus versos livres
Então vi minha rua antiga
vestida de belo calçamento.
Mas não se ouvia mais
o longo apito do trem alegre.
Tudo tão diferente...
E a menina do meu tempo
tinha ido embora!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, contista, cronista e Procurador do Estado aposentado.

Imortalidade Acadêmica de Everaldo Dantas da Nóbrega

Ricardo Bezerra

Integrante da Academia Paraibana de Letras Jurídicas renova seus votos de Imortalidade ao lançar para o público "*Discursos Marcantes*". Sua verve marcou sua trajetória de vida e este trabalho vem ampliar o conhecimento dos leitores em mais uma construção literária que contribui com a consolidação da sua *Imortalidade*.

A APLJ reúne bacharéis em direito que cultuam as letras, devendo, estes, buscarem os assuntos relativos às letras jurídicas sem o distanciamento da Literatura em sua contextualização. Neste trabalho o "*Discurso*" já e uma atividade inerente ao bacharel em direito e, principalmente, para quem, literariamente, desfruta do exercício das letras jurídicas.

Everaldo Dantas da Nobrega foi eleito para a APLJ que é uma "Sociedade ou agremiação, com caráter científico, literário ou artístico" e alcançou com sua eleição, assim, a postulação à *Imortalidade*. Esta citação de *Imortalidade,* com esteio neste novo trabalho ora apresentado, pode ser uma compreensão através do livro "**IMORTALIDADE É LIBERDADE"** do Escritor Astênio Cesar Fernandes, da Academia Paraibana de Letras, Editora Ideia, 2010, pág. 16 a 18, que: "Somente a partir do século XVII, quando foi criada a Academia Francesa, o termo passou a ser empregado para designar sociedades de escritores, artistas e cientistas, denominados imortais por terem sua **produção perenizada na memória das futuras gerações**". No referido trabalho o texto considera, ainda, que a mesma era como "refúgio de agentes da cidadania libertária" e que estas "habilitavam os homens à luta cívica". Assim, ao grifar a referida citação é porque entendo que o conjunto da obra de Everaldo Dantas da Nóbrega já alcançou a pretensão da perenidade.

A Imortalidade é vista pelo Escritor José Américo de Almeida como "arbusto na busca da luz, insinuando-se, afilado e trêmulo, ao fugir do guarda-sol da folhagem protetora, inconformado com a condição rasteira". Reflito e considero que a busca pela imortalidade é esta fresta de luz e que só conseguimos ultrapassar os obstáculos naturais na insistente e permanente busca da plena vida social e cultural dentro da APLJ quando **alimentamos a perenidade** anteriormente citada, onde, no exercício constante forma de cultuar a escrita literária, como o faz EVERALDO NÓBREGA, atingiremos a verdadeira Imortalidade, condicionando-a a liberdade.

A pretensão de Everaldo Dantas da Nobrega como Escritor passou a ser a de alcançar a IMORTALIDADE. A Imortalidade é de duração perpétua. Neste conceito de perpetuidade defino que o Acadêmico enquanto vivo detém apenas a qualidade de imortal e não a imortalidade. Assim, ao ter sido eleito e após devidamente empossado passou a usufruir da pretensão da imortalidade, que nunca terá fim, jamais será esquecido pela "**produção perenizada na memória das futuras gerações"**, através do conjunto de sua obra.

Esta eternização encontro citando o amigo e Pe. Marinaldo Serafim, do Estado do Espírito Santo, que assim se expressou em correspondência pessoal com o subscritor:

"A imortalidade, de acordo com a evolução histórica dos estatutos para as associações, reclama o comprometimento afetivo e efetivo daquele que deseja ingressar na academia a ser reconhecido como imortal."

Em "Os retratos da Imortalidade", artigo do Escritor Carlos Romero, da Academia Paraibana de Letras, Jornal A UNIÃO de 6/8/13, pág. 2 – Opinião, aborda a *imortalidade* como uma coisa boa, mesmo que seja pela *imortalidade acadêmica*. Nesta sua reflexão considera que "ninguém deseja ser esquecido" e uma das formas de não o sê-lo é compor a Galeria dos Imortais, já que o retrato foi "inventado para matar o esquecimento". Observa-se em seu texto que mesmo na contemplação do retrato, algo estático, é preciso que se participe da vida social da entidade para que o "espírito de solidariedade entre os imortais esteja sempre aceso" para que não seja a Instituição vista como "entidade de manequins" porque estes não se comunicam e tornam a Instituição um ser estático, improdutivo e instalador do processo degenerativo com perda de suas funções estatutárias. Assim, os "*Discursos Marcantes*" que são, também, memorialistas, contribuindo para o acervo de pesquisa dos Historiadores, comprova a participação efetiva do Acadêmico na vida social da Instituição pela qual jamais será esquecido.

EVERALDO NÓBREGA possui um compromisso social e cultural fortalecedor do corpo da Academia pelo conjunto da sua obra e agora ampliada quando nos brinda com **"*Discursos Marcantes*"**.

Ricardo Bezerra é escritor, advogado, membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, da Academia de Letras e Artes do Nordeste – Paraíba, da União Brasileira de Escritores da Paraíba e da Academia Paraibana de Poesia.
ricardobezerra@ricardobezerra.com.br

DIMENSÃO, REVISTA INTERNACIONAL DE POESIA – REPERCUSSÃO

Guido Bilharinho

No decorrer de vinte anos de circulação, a revista Dimensão suscitou inumeráveis manifestações de escritores e intelectuais em geral por meio de correspondência, notas e registros em jornais e periódicos e artigos analíticos publicados na imprensa, compondo significativo e precioso acervo da receptividade alcançada e das reações provocadas por suas edições, constituindo patrimônio cultural de inestimável valor, refletindo a ambiência e as tendências culturais da época, tanto no Brasil quanto no exterior.

O presente levantamento da repercussão da revista abrange, inicialmente, apenas as demonstrações epistolares que expressaram opiniões sobre ela, exprimindo julgamentos.

À evidência que esse projeto editorial, despretensioso e desamparado de todo e qualquer apoio material e institucional, não objetivou e nem previu o acolhimento que teria por parte de poetas e escritores que valorizam a poesia, a mais difícil das manifestações artísticas por processar-se pela palavra, faculdade utilizada pelos seres humanos para a comunicação e para a materialização do pensamento (sem a qual este não existiria, já que somente se configura por meio da palavra).

Toda repercussão ora exposta e a que ainda vai ser divulgada, na intensidade e profundidade ocorridas, só foi possível por ainda predominar as tradicionais tipografia e impressão em papel, só pouco a pouco surgindo e se desenvolvendo a computação e a edição eletrônica, a caminho de substituir, como vem fazendo desde o início do século XXI, a impressão em papel.

Pode-se afirmar diante disso, que Dimensão sintetizou e encerrou na área de periódicos culturais o período cinco vezes secular da invenção de Guttenberg, que lhe permitiu circular como ainda um dos poucos suportes então existentes de publicação e divulgação poética, que, hoje em dia, não é mais necessário face aos espaços ilimitados, gratuitos e universais disponíveis, propiciatórios e incentivadores da proliferação de periódicos culturais eletrônicos.

Em suas vinte e seis edições e trinta números, visto duplas algumas delas, a revista, distribuída em todo o Brasil e remetida ao exterior, atingindo aproximadamente 60 (sessenta) países, publicou poemas, textos, visuais, ensaios e artigos de nada menos de 635 (seiscentos e trinta e cinco) colaboradores de 31 (trinta e um) países, como se verifica nos índices onomásticos constantes de seu blog exclusivo https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.

Além da coleção completa de *Dimensão* estar disponibilizada no citado blog, atualmente acessado em aproximadamente 30 (trinta) países, acompanhada dos referidos índices, a partir de agora contará também com a companhia do notável acervo de opiniões, críticas, reações e manifestações que provocou em sua trajetória.

Por medida de racionalidade e metodologia, esse acervo é dividido pelos espaços ou suportes utilizados para sua veiculação: correspondência; notas e registros em jornais e periódicos; e artigos na imprensa, publicando-se, por ora, as manifestações veiculadas pela correspondência remetida do Brasil à editoria da revista, devendo ser completada paulatinamente, nos próximos meses, a publicação das demais veiculadas pelos modos indicados, inicialmente finalizando em julho próximo a presente etapa com a inserção das manifestações expressadas nas correspondências oriundas do exterior.

Tanto por se referir à revista como por sê-la produto editorial e gráfico uberabense, todo entusiasmo que despertou e a larga ressonância que obteve são publicados tanto no blog exclusivo, indicado supra, quanto no blog https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.

Guido Bilharinho é advogado em Uberaba e autor de livros de literatura, cinema, fotografia, estudos brasileiros, História do Brasil e regional editados em papel e, desde setembro/2017, um livro por mês no blog https://guidobilharinho.blogspot.com.br/

Concursos

CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA LUSO-BRASILEIRA DE LETRAS 2020 está com inscrições abertas, até o dia 15 de setembro, para ensaios inéditos com o tema *Clarice Lispector - Tributo ao seu centenário de nascimento*. Os trabalhos não poderão ultrapassar 10 páginas A4. Deverão ser enviados em três cópias sob uso de pseudônimo. Em envelope menor, com o pseudônimo e título do trabalho na frente, anexar os dados, e-mail e breve curriculum.

Premiação: Troféu, Diploma e Publicação na Revista 2020 da Academia - 1º lugar; Medalhas de Prata e Bronze - 2º e 3º colocados. Menções Honrosas a critério da Comissão Julgadora.

Informações: Maria Amélia Palladino pelo telefone (21) 2252-7705.

Inscrições: CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA LUSO-BRASILEIRA DE LETRAS/ 2020 - Rua Teixeira de Freitas, 5 – sala 303 - Lapa - Rio de Janeiro - RJ - 20021- 040

1º Prêmio Machado DarkSide de Literatura, Quadrinhos e Outras Narrativas, edição de 2020, está com inscrições abertas até o dia 29 de setembro de 2020. Autores poderão inscrever originais inéditos no Brasil e no exterior, em língua portuguesa, em cinco categorias. Os trabalhos deverão ser enviados em formato PDF, impresso ou digital, acompanhados de informações sobre o autor (minibiografia), sinopse da proposta e anatomia da criação da obra.

Formatação dos originais: Espaçamento 1,5, fonte Times New Roman, corpo 12. As páginas finalizadas com imagem deverão ser entregues em PDF com qualidade de 300 dpi. Os interessados poderão inscrever uma obra na referida categoria. Cópias de comprovante de residência e identidade deverão ser anexadas no ato da inscrição.

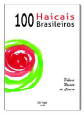
Para Romance/Contos: Mínimo de 40 mil palavras; Categoria Quadrinhos: Mínimo de 60 páginas; Categoria Não Ficção: Biografias, documentos históricos, pesquisas/monografias acompanhadas de perfil do autor (minibiografia), sinopse e anatomia da criação da obra. Categoria Outras Narrativas: Serão aceitas as mais diversas linguagens, como audiovisual, podcasts, poesia, prosa, teatro, música, roteiros, exposições virtuais, reportagens, ensaios, jogos, sem se limitar a estas categorias. Incentiva-se o envio de imagens, gráficos, vídeos ou quaisquer materiais que ajudem a definir a proposta e justificar a escolha daquela linguagem específica. Categoria Desenvolvimento de projeto: Exclusiva para receber a Mentoria DarkSide em projetos não finalizados.

Premiação: O primeiro colocado de cada categoria, contratos de edição no valor de R$ 20.000,00 (vinte mil reais). As obras serão publicadas pela Dark-Side Books.

Inscrições: www.premiomachado.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: *GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...*



Haicais: *SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS*

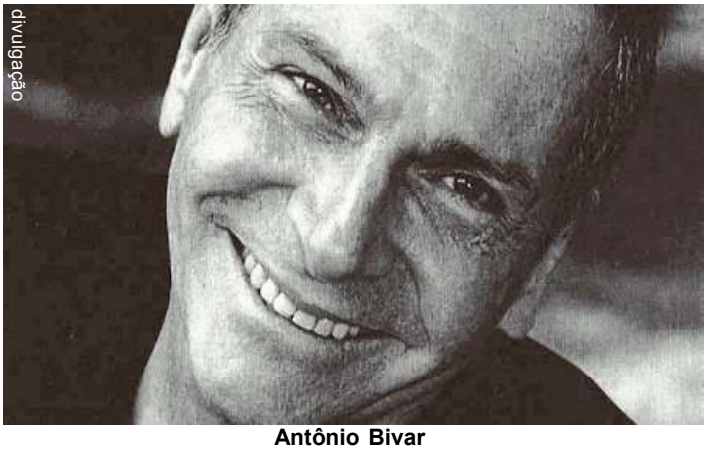
Trovas: *DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO*

Poemas Devocionais: *UM VASO NOVO...*

Antologias:

Poemas: *II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA*
Trovas: *II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS*
Haicais: *II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL*

Opções de compra: 1.www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. **2.** E-mail: **debora_nc@uol.com.br 3.** Correio: **Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.**



Antônio Bivar

Antônio Bivar (Battistetti Lima), escritor e dramaturgo, faleceu no dia 5 de julho, vítima de Covid-19, em São Paulo, aos 81 anos. Foi agraciado com o Prêmio Molière de 1970 com a peça *Cordélia Brasil*. Publicou *Aos quatro ventos, Contos Atrevidos*, *Verdes vales do fim do mundo,* entre outras importantes obras. Autor das peças *Alzira Power* e *Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã*. Foi organizador do festival de música punk "O Começo do Fim do Mundo", realizado nos dias 27 e 28 de novembro de 1982, no SESC Pompeia (SP).

Jorge Claudio Ribeiro, escritor, professor universitário e editor, com a obra *O Assassinato do Jornalista Suicida*, foi agraciado com o PRÊMIO LITTERAE SÃO PAULO, promovido pela Planeta Azul Editora, na categoria Melhor Escritor de São Paulo. Sua obra será publicada pela editora.

Guilherme Semionato Silva Alves, com a obra *A Bicicleta Azul*, foi agraciado com o Prêmio Barco a Vapor (Premio El Barco de Vapor) que é promovido pela Fundação SM. O Prêmio tem como objetivo revelar novos autores, estimular a criação literária nacional voltada à Literatura Infantil e Juvenil. Guilherme será agraciado com R$ 40.000,00 (quarenta mil reais) e terá seu livro publicado na coleção Barco a Vapor, da SM.

Raul Wassermann, editor, fundador do Grupo Editorial Summus e ex-presidente da Câmara Brasileira do Livro, faleceu no dia 10 de julho, em São Paulo, em decorrência de complicações do tratamento contra um câncer.

O Projeto Retomada das Livrarias, iniciativa da Câmera Brasileira do Livro, Associação Nacional de Livrarias e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, tem como objetivo arrecadar fundos para ajudar financeiramente as micro e pequenas livrarias do país. projetoretomada.org.br/

A Saraiva, em assembleia geral ordinária realizada no dia 6 de julho, elegeu novos membros do Conselho de Administração que será presidido por Olga Maria Barbosa Saraiva e terá Jorge Saraiva Neto como vice-presidente.

A Câmara Brasileira do Livro, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros e a Nielsen Book apresentaram os resultados da Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, realizada desde 2006, que indicou um decréscimo de 20% no faturamento total de 2006 a 2019.

A Coleção Monteiro Lobato foi lançada pela SESI-SP Editora na versão em *e-book*, por meio de uma parceria com a Amazon Brasil. Os títulos editados são *Aventuras de Hans Staden*, *O poço do Visconde*, *A reforma da natureza*, *Reinações de Narizinho* (vol.1 e vol.2), *Viagem ao céu*, *O saci* e *Dom Quixote das crianças*.

A III Feira do Livro da UNESP está marcada para acontecer de 7 e 11 de abril de 2021, no campus da UNESP de São Paulo, ao lado da estação Palmeiras - Barra Funda do Metrô. http://feiradolivrodaunesp.com.br/

O Flipoços está realizando lives que são transmitidas nos canais do Facebook e YouTube do Flipoços. www.flipocos.com

Notícias

José Roberto de Castro Neves, escritor e advogado, lançou *O mundo pós-pandemia* pela Editora Nova Fronteira.

Formação de educadores - Inovação e tradição: preservar e criar na formação docente, coletânea de artigos organizada por Iraíde Marques de Freitas Barreiro e Raquel Lazzari Leite Barbosa, foi lançada pela Editora UNESP e está disponível para download gratuito em http://editoraunesp.com.br/catalogo/9788595463868,formacao-de-educadores-inovacao-e-tradicao

Raquel Naveira realizou, no dia 3 de julho, a live uma conversa sobre Literatura, Educação, Poesia na Escola, Obras de José de Alencar, Mário de Andrade, Guimarães Rosa e muito mais. O evento contou com a mediação da Profa.Thais Maciel da Escola Emidgio Vidal, criadora - com seus alunos do ensino médio - da Academia Estudantil de Letras que tem como patrona a autora de *Menina dos Olhos*.

Pablo Vinicius lançou *Há uma luz no início do túnel*, pela Editora Kiron. A obra desmistifica os mitos e tabus da doença depressão e está disponível gratuitamente. materiais.pablovinicius.com.br/ebook-ha-uma-luz-no-inicio-do-tunel

A Editora Panini inaugurou, no dia 1 de julho, um quiosque no Aeroporto Internacional de São Paulo, próximo ao embarque do terminal 2 Oeste, com títulos da Marvel, da DC Comics, mangás e gibis da Turma da Mônica. O horário de funcionamento é das 6 às 23 horas.

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo investirá R$ 177,18 milhões em cerca de 4,8 mil projetos de artistas, produtores culturais e prefeituras com o objetivo de estimular a retomada das atividades culturais e criativas abaladas com o coronavírus. São três programas complementares: ProAC Expresso Editais, ProAC Expresso ICMS e Juntos pela Cultura. O ProAC Expresso ICMS é a Lei Estadual de Incentivo à Cultura de São Paulo. http://proac-icms.cultura.sp.gov.br/

O Flipoços - Festival Literário Internacional de Poços de Caldas - e a Feira do Livro serão realizados de 7 a 15 de novembro, pela Lei de Incentivo a Cultura do Estado de Minas Gerais e Codemge, com o patrocínio máster do DME, e com o patrocínio da Nutrire. Contará com o apoio Cultural da Kindle (Amazon) e TAG Experiências Literárias e com a parceria Cultural do SESC MG e SENAC MG.

Candice Carty-Williams, com o romance *Queenie,* foi agraciada na categoria Livro de Ficção de Estreia do Prêmio Booker Prize. A obra também foi laureada como Livro do Ano. Candice é a primeira mulher negra a receber o prêmio.

O Livres Livros é um movimento de articulação social através do acesso à leitura de forma gratuita, realizado em Salvador (BA). Mais de 100 mil livros são distribuídos gratuitamente. Também estão lançando a campanha "Adote um Leitor". Os interessados em participar podem entrar em contato pelo e-mail contato@livreslivros.com. www.livreslivros.com.br

Roberto Scarano
Advogado
Trabalhista
Cível
Família
OAB - SP 47239
R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br